

RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

**SORRISO – MT
NOVEMBRO/2007**

**NEUSA FERREIRA DE BRITO MARTINS
JOVANA PAULA MENIN BOAS
VERA LÚCIA VIANA DOS SANTOS
WANESSA ANGRA HOFFMANN**

RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

**SORRISO – MT
NOVEMBRO/2007**

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho aos amigos, que surgem na nossa vida nas horas que mais precisamos deles, são lápis de cor trazendo alegria, a essa nossa vida cinzenta, são estrelas que guiam para um porto seguro, o triste e solitário navegador, são passos suaves na rua deserta, são traços sensíveis na pele guerreira, são lindas tatuagens com formas bonitas, pois ficam pra sempre na vida da gente.

A eles dizemos que o importante não é o momento em que conhecemos pessoas, e sim, o momento em que elas passam a ser importante para nós.

AGRADECIMENTOS

Aos Professores

Especialmente ao Professor e Coordenador Marco Aurélio e a professora Luciane Zappe. Agradeço a eles por tudo que proporcionaram, com sua atenção, carinho e amizade.

A minha mãe Julieta

Que está sempre me incentivando, me abençoando, para que eu possa sempre alcançar meus objetivos.

Aos meus filhos João Antonio, João Paulo e Anna Clara.

Que me apoiaram em toda essa trajetória, mesmo estando ausente em suas vidas, contribuirão para o meu sucesso. Vocês são uma daquelas pessoas raras com um objetivo único de dar alegrias às pessoas que lhe cercam.

Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos (a) e ao meu afilhado Breno Wilian.

Vocês que sempre estão prontos a ajudar não importando quem.

Quero agradecer de coração por tudo que vocês me incentivaram a realizar. Que Deus pague tudo isso, pois, com certeza, nunca poderei pagar tanta gentileza.

A diretora e coordenação da Escola Gente Sabida que se dispuseram para que eu realizasse o meu trabalho.

Aos meus colegas, com as quais aprendi muito no decorrer desses anos.

Em especial, a minha filha Anna Clara Soares de Brito, pela sua meiguice e dedicação que tem demonstrado.

Obrigado por tudo!

Educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de idéias.

(Augusto Cury)

RESUMO

A pesquisa elaborada pretendeu esclarecer a influência do relacionamento entre professor e aluno no cotidiano escolar. Por meio dela, percebeu-se a importância da boa relação professor e aluno é fundamental para o sucesso da aprendizagem. Enfatizaram-se também as relações afetivas em sala de aula e o relacionamento como um desafio para o educador pós-moderno, devendo este agir de forma que expresse o seu interesse pelo crescimento dos alunos, respeitando suas singularidades, criando um ambiente mais agradável e propício para a aprendizagem. O relacionamento entre professor e aluno deve ser de troca, de respeito mútuo, enfim, não se concebe desenvolver qualquer tipo de aprendizagem, em um ambiente hostil. Por isso, se houver afetividade há possibilidade de pôr em prática o respeito mútuo, tão necessário para o desenvolvimento das relações pessoais em qualquer que seja o meio humano e, por meio dele, a possibilidade da aprendizagem fluir com mais facilidade. A escola, hoje, mais do que em qualquer outro tempo, é um espaço onde se constroem relações humanas. Portanto, é de fundamental importância trabalhar não só conteúdos, mas também as relações afetivas, pois a interação entre ambos é importante para a adaptação do aluno ao processo escolar. Desta forma, o relacionamento do professor com o aluno se desenvolve na busca pelo desejo que o indivíduo tem de conhecer a si próprio, de encontrar uma definição para sua vida, sendo a mola propulsora do desenvolvimento intelectual. Querer saber, ter desejo de aprender, são condições primeiras para que a criança possa, de fato, adquirir conhecimentos. Portanto, fica evidente a importância que tem para os educadores, o conhecimento da afetividade, quer seja por meio das emoções e da força do desejo para o melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno e, conseqüentemente, para uma melhor relação entre este e o professor. A escola, portanto, deve voltar-se para a qualidade das suas relações, valorizando o desenvolvimento afetivo, social e não apenas cognitivo, como elemento fundamental no desenvolvimento da criança como um todo.

Palavras-chaves: Relacionamento, Afeto, Professor, Aluno.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I	
1.REFERENCIAL TEÓRICO.....	04
1.1. Relação professor aluno.....	04
1.1.1 Conceito de Relacionamento.....	06
1.1.2 O Relacionamento entre Professor e Aluno.....	06
1.1.2.1 O Papel do Professor no Relacionamento.....	09
1.1.2.2 Papel do Aluno no Relacionamento.....	10
1.2. A PRÁTICA VIVENCIADA E A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO.....	11
1.2.1 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO..	12
1.2.2 A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM POR MEIO DA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO.....	16
1.2.3 CONTRIBUIÇÕES POSITIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO.....	18
CAPÍTULO II	
2. METODOLOGIA.....	22
2.1 Tipo de Pesquisa.....	22
2.2 Universo e Amostra.....	23
2.3 Coleta dos Dados.....	23
2.4 Tratamento dos Dados.....	23
CAPÍTULO III	
3. GRÁFICOS RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O tema relação professor e aluno, de que trata este estudo, tem como objetivo central contribuir para a construção de novas relações, por meio da acessibilidade do professor em relação ao aluno.

Esta pesquisa visa: ampliar reflexões sobre o relacionamento entre professores e alunos; colaborar com os agentes da prática pedagógica, no que concerne aos laços estabelecidos no espaço escolar; e colaborar para qualificação das relações afetivas no processo de ensino com sugestões.

Para tanto, se pretende responder a seguinte problemática: “Qual é a contribuição da relação afetiva entre professor e aluno para o processo de ensino?”.

O professor sempre foi ocupou uma posição de mestre, a saber, de suposto saber frente aos alunos. Esta imagem construída não deixa de ser natural e necessária, mas não deve se refletir no processo de ensino.

Diz-se isso, pois o professor deve ter o cuidado de não se utilizar disso para criar uma distância entre o mestre e o aprendiz, o que pode “respingar” no ato de ensinar e no ato de aprender.

Para tanto, faz-se necessário um ambiente de colaboração onde todos passam a elaborar juntos os processos de ensinar e de aprender. Isso porque, um se estende ao outro.

A partir deste contexto, pensa-se que a maneira com isso se processa no espaço escolar entre professores e alunos, contribui para o laço estabelecido entre ambos, a saber, para o relacionamento qualificado entre eles.

Com o olhar voltado para esse foco, encontrar-se-á, possivelmente, a realização do educador, por meio de uma aprendizagem significativa, pautada por um relacionamento que marcará ambos os agentes.

Frente a isso, esse trabalho foi importante para os docentes, pois permitiu aos educadores mais um ponto de apoio às reflexões da prática realizada em sala de aula. Com esse estudo apontaram-se oportunidades que o educador poderá

ter, definindo as relações afetivas na sala de aula, agindo de forma que expresse interesse pelo aluno, respeitando sua individualidade e criando um ambiente mais agradável para o aprendiz.

Para os alunos ele tem relevância pelo fato de relatar sobre o relacionamento entre eles e o professor, onde o aluno se sinta parte integrante do processo ensino-aprendizagem, sendo este um sujeito ativo, capaz de tomar decisões em torno da realidade que o envolve, tendo por base a relação professor aluno.

Já para a acadêmica ele foi significativo, pois possibilitou verificar a influência da relação professor-aluno, observando que dificuldades e sucessos caminham juntos. Através do esclarecimento puderam-se perceber pontos relevantes que possibilitam, tanto ao professor quanto ao aluno, a convivência com a afetividade no processo educativo, levando-os a uma educação de qualidade.

Assim sendo, esta pesquisa está organizada da seguinte forma. No capítulo I, discorreu-se sobre o Referencial Teórico, desenvolvidos a luz das literaturas relacionadas ao tema. No capítulo II, apresentam-se os procedimentos metodológicos, que conduziram a pesquisa.

No capítulo III foram apresentados os gráficos e suas respectivas análises, que refletem o resultado da pesquisa de campo, realizada com os professores da Escola Municipal Gente Sabida, localizada no Bairro Jardim Carolina, no município de Sorriso – Mato Grosso.

Para tanto, definem-se os termos deste trabalho, que são: Relacionamento, Afeto, Professor, Aluno.

Relacionamento é um vínculo implícito em toda prática educativa que se estabelece entre as partes, a que ensina e que a que aprende, com propósito de modificar as atitudes, capacidades e idéias daquele que aprende.

Afeto é o alicerce para que o relacionamento possa ser qualificado, por meio do qual se estabelece o sucesso o ou fracasso da prática pedagógica.

Professor é o mediador do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que deve incentivar os alunos nas atividades desenvolvidas, envolvendo-os nas dinâmicas usadas no dia-a-dia.

Aluno é um sujeito ativo e participante do processo ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO I

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

Percebe-se que o relacionamento humano é fundamental na realização comportamental e profissional. Desta forma, é essencial um bom relacionamento entre professor e aluno, pois envolve interesses e intenções. Assim, esta interação é relevante, pois a educação é um dos fatores mais importantes do desenvolvimento comportamental e de valores nas pessoas.

Neste sentido, a interação estabelecida caracteriza-se pela seleção de conteúdos, organização e sistematização didática para facilitar o aprendizado dos alunos e a exposição, por meio da qual o professor demonstrará seus conteúdos. No entanto, o professor não deve colocar-se na posição de “supremo saber”, mas sim ser facilitador no ensino.

O educador, para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida. (GADOTTI, 1999, p. 2).

Assim, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos estabelecidos em sala de aula. O querer aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo vista como obrigação.

Para que isto possa ser mais bem cultivado, o professor deverá despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

O professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento, mas também com o processo de construção da cidadania do aluno. Para que isto

ocorra, é necessária a conscientização do professor de que seu papel é de facilitador da aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender o aluno por meio do diálogo.

Não se pode pensar que a construção do conhecimento é entendida como individual. O conhecimento é produto da atividade e do conhecimento humano, marcado social e culturalmente. Assim, o papel do professor consiste em agir como intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 96).

A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento dele e o dos alunos.

‘ A relação professor e aluno deve ser baseada em afetividade e sinceridade, pois se um professor assume aulas para uma classe e crê que ela não aprenderá, então está certo e ela terá imensas dificuldades. Se ao invés disso, ele crê no desempenho da classe, ele conseguirá uma mudança, porque o cérebro humano é muito sensível a essa expectativa sobre o desempenho. (ANTUNES, 1996, p. 56).

Muitas vezes, o aluno vai para a sala de aula em busca de respostas que esclareçam o seu verdadeiro papel na sociedade, resposta que ele espera, muitas vezes, da sua família. Por não receber isso da família, considera a escola como grupo social que poderá contribuir para sua formação como cidadão. Porém, na maioria das vezes, o professor não se preocupa com o tipo de aluno que está convivendo, muito menos, em estabelecer um vínculo afetivo mais forte nesta relação, favorecendo atitudes positivas que contribuirão na formação da auto-estima do aluno.

1.1.1 Conceito de Relacionamento

Relacionamento é o laço estabelecido entre as pessoas por meio da convivência e do vínculo que se estabelece entre elas.

Percebe-se que a comunicação que se estabelece entre as pessoas, influencia na mediação do desenvolvimento de certas atitudes, positivas ou negativas.

Sendo assim, o professor, no relacionamento com o aluno, deve ser ele mesmo, estando aberto e não coagido no que diz respeito aos seus sentimentos com os alunos.

Desta forma, o professor se torna facilitador do desempenho, contribuindo para o sucesso do aluno e, conseqüentemente, do seu.

Conforme SMOLGA e GÓES (1995, p. 9), é por meio de outros que o sujeito estabelece relações com os objetos do conhecimento. Ou seja, a elaboração cognitiva se funda na relação com o outro.

1.1.2 O Relacionamento entre Professor e Aluno

Como toda relação, esta também é composta por dois pólos: professor e aluno, onde cada um tem um papel na sala de aula.

Na relação professor e aluno existem expectativas de ambas as partes, professor e alunos, quanto as suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.

Observa-se, então, que a relação de ambas as partes, se fortifica mais ainda, a partir do momento que o educador valorizar seu educando e se conscientizar de que também é aprendiz. Assim, poderá interagir melhor neste relacionamento, criando uma confiança por parte do educando que, por sua vez, perderá o medo, a insegurança e a falta de interesse. A parceria das idéias também é relevante para que a aprendizagem aconteça com êxito, não se

podendo esquecer que toda relação é constituída por laços afetivos, que contribuirão para o bom desenvolvimento de tudo o que implica esta relação.

Para aprender, necessitam-se dois personagens – ensinante e aprendente –; implica um vínculo que se estabelece entre ambos [...]. Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar. (FERNÁNDEZ, 1991, p. 47).

Nesse contexto, a permanência de um clima afetivo é fundamental, pois, com ele, o aluno se sente confiante e não temeroso diante do professor.

Desta maneira, o aluno poderá entender melhor o assunto dado pelo professor, tirando suas dúvidas, mediando à construção de um novo saber, onde o professor e os alunos participam de uma verdadeira comunicação, que media a relação entre eles.

Frente a isso, percebe-se o envolvimento e participação que professor e aluno têm no processo educacional, não estando mais isolados um do outro. O educador passa a interagir com o aluno ao trazê-lo para a sala, fazendo-o participar do contexto em que está inserido. E, o que é mais significante, a cada momento de ensino ele deverá refletir para poder saber como melhor agir com seus alunos.

O verdadeiro compromisso que é sempre solidário, não pode reduzir-se jamais a gestos de falsa generosidade, nem tão pouco ser um ato unilateral, no qual quem se compromete é o sujeito ativo do trabalho, comprometido é aquele com quem se comprometeu e a incidência de seu compromisso que sendo encontro dinâmico de homens solidários ao alcançar aqueles com os quais se compromete, volta destes para ele, abraçando a todos num único gesto amoroso. (FREIRE, 1979, p. 9).

Sendo assim, o ensinar, para o professor, não será mais um simples ensinar, mas um envolver-se com o aluno, numa tarefa de ajudá-lo a melhor aprender. O educador passa a ser medidor da aprendizagem e não mais um mero transmissor de conhecimentos. E o aluno torna-se um ser participativo, construindo seus próprios conhecimentos a partir do seu contexto em evidência, levantando questionamentos para esclarecimentos de dúvidas e compreendendo o mundo por meio do diálogo.

A tarefa coerente do educador que pensa certo é exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando se comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. (FREIRE, 1996, p. 42).

Nesse desafio lançado também para o aluno, o professor pode dar mais oportunidade para o mesmo, de si tornar mais responsável pelo conhecimento adquirido. À medida que o aluno percebe que está sendo parte do processo de aprendizagem, ao ser participante ativo, evitando a falta de estímulo para os estudos e, até mesmo, da evasão escolar.

Assim, é por meio do pensar e repensar de seus atos, que o educador conduzirá seu modo de agir, tomando sua relação com o grupo de alunos como um meio constante de troca de conhecimentos, assim como, de experiências vivenciadas e aprimoradas, tornando os alunos verdadeiros sujeitos da sua própria história.

Diz-se isso, pois a educação está movida não somente pelo intelectual, mas, principalmente, pelo emocional, por meio do desejo que o educador deva ter em transformar o seu educando.

O bom professor tem consigo idéias e consciência de que um bom relacionamento humano e um clima favorável são necessários para uma educação de estimulante e de qualidade.

Difícilmente um bom aluno apontaria um professor como bom ou melhor de um curso sem que este tenha as condições básicas de conhecimento de sua matéria de ensino ou habilidades para organizar suas aulas além de manter relações positivas. (CUNHA, 1989, p. 69).

Contudo, quando os alunos questionam por que o professor destaca os aspectos afetivos, entre as expressões relatadas pelo autor, algumas mais usadas foram: o professor é amigo, é compreensivo, é gente como a gente, se preocupa com os alunos, é disponível mesmo fora de sala de aula, coloca-se na disposição dos alunos, entre outros.

Portanto, é importante ressaltar que a forma como o professor se relaciona com sua própria prática, com sua área do conhecimento, com a produção do conhecimento, com sua metodologia, é fundamental e, conforme

CUNHA (1989, p. 69), interfere na relação professor e aluno, e parte desta relação.

O professor que tem um bom relacionamento com os alunos terá mais chances de acreditar nas suas potencialidades e se preocupar com o aprendizado e com o nível de satisfação dos alunos.

Dessa forma, pode-se dizer que o professor precisa estar voltado para um trabalho harmonioso, no qual aprender e ensinar se torne algo prazeroso, tanto para o aluno como para o professor. Diz-se isso, pois quanto maior o senso de humor e o gosto de ensinar do professor, mais agradável e interessante se tornarão às aulas.

Nesse contexto, a aprendizagem pode se fazer mais eficiente quando o aluno age e interage no processo de ensino, desenvolvendo, desta forma, certa autonomia.

1.1.2.1 O Papel do Professor no Relacionamento

O professor é, de acordo com FERREIRA (1989, p. 559), aquele que ensina uma ciência, uma arte, uma técnica. É um mestre. Por isso, o bom relacionamento é essencial para que ocorra a aprendizagem.

Sendo assim, a sala de aula, que é um lugar de desenvolvimento coletivo, deve ter um ambiente agradável, apesar das tensões e conflitos que possam acontecer. Para tanto, é imprescindível que as relações que aí se desenvolvam sejam construtivas para que o processo de ensino seja mais prazeroso.

Portanto, quanto mais amplo for o relacionamento melhor será a convivência, pois nele acontece o envolvimento do “eu” com o “outro”, que não representa apenas sentimentos, mas conhecimentos, ações e emoções, que fazem parte da história de cada um e que são compartilhados.

Desta maneira, o professor deve ser aquele que estimula e oferece subsídios para que as crianças sejam protagonistas de sua história, na construção

dos conhecimentos, que as tornarão pessoas independentes, mas solidárias, críticas e reflexivas, capazes de se posicionarem frente a conflitos e problemas que possam surgir, tanto na escola quanto na sociedade.

1.1.2.2 O Papel do Aluno no Relacionamento

Conforme FERREIRA (1993, p. 444), o aluno é aquele que recebe instrução e/ou educação dos mestres, em estabelecimento de ensino ou particularmente. É um estudante.

Observando a relação professor e aluno no cotidiano escolar, vê-se que, na maioria das vezes, o aluno como um ser passivo.

A sala de aula não é apenas um lugar para transmitir conteúdos teóricos. É também, local de aprendizado de valores e comportamentos, de aquisição do conhecimento científico e também de participação, que poderá possibilitar ao indivíduo, bem orientado, interpretar e transformar a sociedade em benefício do bem-estar coletivo e pessoal.

Para tanto, precisa-se de professores comprometidos com a produção do conhecimento em sala de aula, para que desenvolvam com seus alunos um vínculo estreito de respeito mútuo e interesse pelo saber. Assim, é necessário não medir esforços para levar os alunos à ação, à reflexão crítica, à curiosidade, ao questionamento e à descoberta.

Diz-se isso, pois os professores, que sabem respeitar no aluno o desenvolvimento que este adquiriu nas suas experiências de vida, ou seja, nos conhecimentos já assimilados, idade e desenvolvimento mental, conseguem obter melhores resultados em sala de aula.

Assim, o professor tem o papel de colaborar para a construção de saberes em busca de conhecimentos, habilidades e modos de agir dos alunos. Já o aluno tem o papel de, como sujeito capaz de construir-se por meio da atividade,

desenvolver entendimentos, inteligência, entre outros, edificando seu próprio modo de se relacionar coletivamente pela necessidade de sua realidade.

Dessa forma, a relação estabelecida entre professores e alunos é o princípio do processo pedagógico. É impossível desvincular a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos alunos, uma vez que essa relação é uma “via de mão dupla”, pois ambos, professores e alunos, podem ensinar e aprender através de suas experiências.

1.2 A PRÁTICA VIVENCIADA E A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

A pesquisa realizada busca associar a teoria com a prática vivenciada, no intuito de refletir sobre o papel do professor na escola e na sociedade, bem como, repensar o papel do aluno em sala de aula.

Assim, a educação deve ter sempre uma função humanista e progressiva visando sempre à construção de um cidadão crítico, autônomo e seguro de seu espaço na sociedade, a fim de esclarecer seus direitos e deveres.

A relação educador-educando deve focar a cooperação, onde o aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no processo de construção do conhecimento.

Para tanto, o professor deve analisar o que o aluno já sabe, sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem. Nessa perspectiva, não caberá analisar unicamente a relação professor-aluno, considerando que a construção do sujeito acontece coletivamente.

O tempo utilizado somente para a verbalização do professor pode ser reconsiderado. Diz-se isso, pois seria mais interessante a possibilidade de construir o conhecimento utilizando-se da interação entre os sujeitos-atores do processo de ensino, a saber, professor e alunos.

É o que aponta a Teoria da Psicologia Genética de Piaget, que coloca o professor na experiência da observação, incentivando a espontaneidade do aluno.

Como processo histórico da relação professor/aluno, a relação dialógica tem o fator de edificação do homem, se preocupando em resgatar a dignidade e o valor do professor e do aluno por meio de relações que valorizam o processo pedagógico, baseado na ligação que se estabelece de pessoa para pessoa, pela forma como o professor colocará sua maneira de ensinar, facilitando a assimilação dos conhecimentos pelos alunos e, conseqüentemente, o relacionamento entre ambos.

Portanto, cabe ao professor criar um ambiente propício para um qualificado relacionamento, que proporcionará atingir o conhecimento e as habilidades intelectuais e afetivas dos alunos.

Entende-se, ainda, que o professor deve procurar favorecer a aquisição do diálogo, pois, por meio deste, os alunos podem interagir no momento da aprendizagem. Diz-se isso, pois é a interação entre o professor e o aluno que dirige o processo educativo.

Além disso, a interação entre professor e aluno desenvolve um papel fundamental, que conduz o indivíduo para a convivência em grupo e em sociedade.

Entende-se que as relações afetivas que o aluno estabelece com os colegas e os professores são de grande valia na educação, pois a afetividade constitui a base de todas as reações do indivíduo perante a vida.

A criança procura adaptar as suas necessidades afetivas na escola. Por isso é importante que a relação professor/aluno seja considerada tanto nos seus aspectos cognitivos quanto nos seus aspectos afetivos.

1.2.1 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

Para falar sobre a relação entre professor e aluno reportar-se-á ao conceito de afeto, enquanto sentimento que retrata laços de amizade, amor,

afeição, entre outros. Assim, sendo pode-se dizer que esses sentimentos exercem influências decisivas na vida das pessoas, interferindo, significativamente, no modo de se relacionarem com os outros.

Desta maneira, permitem ao indivíduo a construção de certas situações que abrangem suas vidas afetivas.

O afeto é o que confere o modo de relação do indivíduo com os acontecimentos da vida e com as pessoas. Direta ou indiretamente o afeto exerce profunda influência sobre o pensamento e sobre toda a conduta do indivíduo.

O afeto é a manifestação da pessoa diante de qualquer experiência vivida, promovendo os impulsos motivadores e inibidores.

Neste contexto, a sala de aula deverá ser encarada como uma relação entre professores e alunos, numa aprendizagem mútua, onde a escola seja o lugar de reflexão para a construção e reconstrução do saber.

Na visão de PIAGET, o desenvolvimento cognitivo é processo de sucessivas mudanças qualificativas das estruturas cognitivas derivando cada estrutura de uma estrutura permanente. Ou seja, o indivíduo constrói e reconstrói continuamente as estruturas que o tornam cada vez mais apto para o equilíbrio. Estudando afeto e cognição, considerou o desenvolvimento intelectual como um processo que compreende um aspecto cognitivo e um aspecto afetivo. Durante os últimos trinta anos, psicólogos e educadores voltam suas atenções mais para o papel dos conceitos cognitivos do que para os conceitos afetivos de sua teoria. Pelo menos três razões plausíveis podem ser aventadas para elucidar o porquê isso aconteceu. Uma delas reside no fato de que o próprio Piaget, do ponto de vista quantitativo, basicamente escreveu sobre os aspectos cognitivos do desenvolvimento intelectual e da estrutura cognitiva. (Revista Nova Escola, ano XI, Agosto de 1996).

Desde seus primeiros estudos, PIAGET (1980, p. 91) relatou que o aspecto afetivo é o mais importante, embora tenha centralizado-os menos sobre esse aspecto do que sobre o aspecto cognitivo. É possível que Piaget tenha tentado resolver primeiro os problemas mais controláveis e, por isso, dedicou uma quantidade desproporcional de sua energia às questões de estrutura cognitiva.

A afetividade influencia na aprendizagem, ou seja, a relação afetiva entre o aprender e o ensinar, entre o aluno e o professor, pois está ligada as relações cognitivas.

O professor e o aluno estão inseridos em um mesmo grupo podendo um aprender com o outro. Para tanto, deve-se ter o cuidado para que a não satisfação das necessidades afetivas e cognitivas prejudique ambas as partes e influencie no ensino.

Para FREUD (1996, p. 24), somente alguém que possa sondar as mentes de uma criança será capaz de educá-la. Assim, os professores não podem entender as crianças, caso não entendam sua própria infância.

Para entender o outro e respeitar suas singularidades, devendo-se, em primeira instância, entender a si próprio. Isso se refletirá no ensinar e no aprender, tornando esse processo mais prazeroso, pois ambos os participantes construirão esse processo.

Se eu pudesse, iria a escola, em várias partes do mundo, treinando os professores para compreenderem o funcionamento da mente e entenderem que no pequeno espaço escolar são desencadeados grandes traumas emocionais. Em vez de elogios, existem críticas agressivas. Frequentemente, os alunos machucam seriamente um ao outro. Não permita, em hipótese alguma, que os alunos chamem seus colegas de “baleia”, “elefante”, por eles serem obesos. Você não imagina o rombo emocional que esses apelidos provocam no solo do inconsciente. Essas brincadeiras não são ingênuas. Provocam graves conflitos que não se apagam mais, só se reeditam. Discriminação é um câncer, uma mácula que sempre manchou nossa história. (CURY, 2003, p. 145).

Esse é mais um problema sério que passa despercebido pelos professores ou que, na maioria das vezes, é agravado por eles. Ao invés de mostrarem quais comportamentos magoam o outro, eles próprios colocam apelidos que provocam queda no auto-estima e, conseqüentemente, na aprendizagem. Se magoa ouvir de um colega o apelido de “baleia”, como será ouvir do professor o apelido de “burro”.

Ainda, ouvir “você não tem jeito”, “você não vai aprender nunca” podem provocar tristes marcas. O pior é que, muitas vezes, os alunos são tratados assim, simplesmente por serem de uma classe sócio-econômica mais baixa.

Sem dúvida é muito mais fácil lidar com crianças cheirosas, tranquilas que têm uma convivência familiar mais harmoniosa. Mas é necessário que os professores estejam preparados para lidar com as crianças que não têm tais

privilégios. É fundamental aprender e interferir na realidade que vive transformando-a para melhor. Esta é uma missão extremamente difícil e importante já que, a partir desse sentimento, a criança passa a refletir e discutir os acontecimentos do mundo e passam a se sentir cidadãos.

Portanto, é preciso combater qualquer tipo de exclusão para que as salas de aula sejam espaços utilizados como instrumentos para a valorização e para o estímulo do bem, para que as crianças sejam levadas a vivenciar histórias de sucesso lutando para vencer a miséria e a marginalidade. Os professores têm em suas mãos as ferramentas que podem definir o destino de muitas crianças. Para tanto, precisam refletir sobre a forma mais qualificada para usá-las.

Assim, quem escolheu a missão de educar tem que ser capaz de, apesar dos entraves, como baixo salário e desvalorização profissional, perceber que grande parte da responsabilidade de formar pessoas felizes ou infelizes, fracassadas ou bem sucedidas está em suas mãos.

Diz-se isso, pois cada palavra, cada gesto, cada olhar pode influenciar o futuro das crianças que passam pela vida de um professor.

A relação professor e aluno não é o único fator que interfere na aprendizagem e na formação humana, mas, com certeza, é um dos mais importantes. Por isso, é necessário que os professores se preparem para viver situações como agressividade, o desânimo, a indiferença, entre outros.

Se cada professor, “lançar uma semente” de amor, de respeito, de companheirismo e solidariedade estará contribuindo para a construção de um mundo mais justo e humano. Pode ser que, nem todas germinem, mas pelo menos, terá a satisfação de saber que cumpriu com sua função social.

A grande maioria dos professores age de forma inconsciente em relação ao tratamento dado ao aluno. É tradição, apesar de estudos desenvolvidos na área, o professor ser considerado o dono do saber e às vezes, sem perceber usar formas inadequadas de tratar as crianças por meio de apelidos, de rótulos, de preconceitos trazidos por um longo período e por uma cultura de exclusão.

Daí a necessidade de valorizar, de elogiar e incentivar o aluno para que ele possa perceber suas capacidades e desenvolver suas múltiplas inteligências.

Talvez essa seja a maior dificuldade dos educadores, pois é muito complexo perceber a realidade e conhecer mais profundamente cada criança. Uma classe com 30 alunos representa 30 mundos com realidades diferentes e uma única professora para abrir o horizonte dos conhecimentos, fazendo a ligação entre os saberes letrados e a vida cotidiana de cada um.

Não é fácil vencer as barreiras da exclusão social que infelizmente afeta nossa sociedade. A maioria das crianças vive em situações precárias e a escola se encarrega de reafirmar isso por meio dos relacionamentos que se desenvolvem dentro da sala de aula. Diz-se isso, pois ainda acontecem os agrupamentos das crianças levando em conta o nível sócio-econômico e o nível de aprendizagem que apresentam.

Não se pode esperar que todas as crianças tenham as mesmas atitudes que estejam sempre dispostas a realizar todas as atividades. O papel do professor é ser mediador entre o aluno e o saber, mas, acima de tudo, de ser aquele que por meio de gestos de solidariedade, respeito as diferenças e de incentivo possa proporcionar oportunidades de aprendizagem, eliminando da história das crianças todo e qualquer tipo de exclusão.

Tudo isso, para que eles não carreguem em suas vidas o peso de rótulos como: “preguiçosos”, “malandros”, “desinteressados”, “sujos”, “lambões”, “não assíduos”, “molezas”, “lerdos”, “imatuross”, “desmemoriados”, “cabeção”, sam escrever sua própria história por meio do convívio construtivo com o outro. Que o professor seja companheiro dos alunos e que estes sejam desbravadores de um futuro feliz e bem sucedido.

1.2.2 A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO ENSINO – APRENDIZAGEM POR MEIO DA RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO.

A atitude do diálogo no processo ensino-aprendizagem é fundamental para que seja resolvido certos conflitos.

Não pode existir uma lacuna entre professor e aluno, pois será exatamente aí o campo da dificuldade. Neste espaço caberá ao professor preencher com a amizade que deverá haver entre ambos, pois sendo assim a relação de respeito se tornará mais motivadora, o aprendizado mais eficaz e a satisfação plena de ambos.

Sabendo que o desenvolvimento humano não está pautado somente em aspectos cognitivos, mas também e, principalmente, em aspectos afetivos. e que o ser humano tem grande necessidade de ser ouvido, acolhido e valorizado contribuindo dessa forma para uma boa imagem de si mesmo. Neste sentido, a afetividade está intimamente ligada à construção da aprendizagem. Sendo assim, sua importância em toda relação é fundamental para os sujeitos envolvidos. Logo, a relação entre professor e aluno, deve ser mais próxima possível, pautada em partilha de sentimentos e respeito mútuo das diferentes idéias.

Muitas vezes, o aluno não aprende porque o professor não ensina adequadamente. Pois ele precisa ir além do seu domínio dos conteúdos específicos, além dos recursos didáticos e da metodologia. E muitas vezes por falta de conhecimento, na problemática, na aprendizagem e no método de ensino.

E se essa relação pedagógica for efetiva, o aluno consciente ou inconsciente depositará a confiança no professor, e assim, facilitará sua aprendizagem.

Faz o professor extrair sua autoridade da mediação que propicia entre o aluno e os conteúdos. A mediação será adequada, ou seja, não acontecerá a mediação de conhecimentos. Outra autoridade ocupará o lugar da autoridade pedagógica.

Por isso, a escola deve propiciar melhores condições de aprendizagem, selecionando atividades e posturas necessárias, que promovam o resgate da construção do processo de aprendizagem do aluno. O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou

diminuir o ritmo de desenvolvimento. A construção do ensino e aprendizagem inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral.

1.2.3 CONTRIBUIÇÕES POSITIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

O processo de ensino na interação com o professor/aluno engloba a transmissão e assimilação dos conhecimentos.

O resultado do fazer do professor pode se refletir mediante o planejamento e a metodologia adequada, colaborando para o entusiasmo dos alunos.

Assim, é por meio da relação afetiva que o professor descobrirá pontos positivos e negativos que contribuirão no processo educativo. Primeiramente, o professor deverá saber posicionar-se diante dos desafios de ensinar, partindo da idéia de que os alunos sempre sabem alguma coisa.

Portanto, devem ser valorizados e ter oportunidades de manifestar seus conhecimentos, mesmo em assuntos referentes à sua vida pessoal. Desta forma, o professor deverá nutrir expectativas em relação à capacidade de seus alunos, apoiando-os na remoção das barreiras que os impedem de aprender.

Para tanto, a proposta de ensinar, independente das diferenças de cada um dos alunos, deverá ser trabalhada com atividades abertas, diversificadas, que possam ser abordadas por diferentes níveis de compreensão e desempenho dos alunos.

A possibilidade de se ensinar, sem discriminação sem adaptações pré-definidas de métodos e práticas especializadas de ensino advém, portanto, de uma postura do professor diante da ação pedagógica.

Nesta aprendizagem o aluno pode apresentar o seu desenvolvimento conforme suas próprias características e de seu saber já existente. Assim, a cada momento poderá se redescobrir enquanto aprendiz.

Nesse sentido, a educação nada mais é que o desenvolvimento holístico do ser humano, que vai moldando sua própria maneira de ser cotidianamente, desde o nascimento, por meio da convivência com os outros.

Percebe-se que a educação se dá a partir de uma vivência coletiva sem o qual não haveria a aprendizagem.

A escola para todos tem na aprendizagem a sua prioridade é centrada no aluno. O desafio é muito maior do que ensinar; é fazer aprender, porque todos podem aprender. (FERES, 1997, p. 66).

Se os educandos se sentirem sujeitos ativos do processo de ensino fica mais fácil vencer tal desafio, pois se sentirão valorizados e estimulados a aprender, constantemente, sobre o seu fazer, que é mutável. Isto sendo pautado pelo respeito às singularidades.

Para se formar o ser humano e garantir que a escola seja centrada na aprendizagem e no aluno é essencial respeitar e trabalhar com as diferenças individuais das crianças e dos adolescentes. Isto implica desenvolver o trabalho pedagógico, tendo como referencial que cada aluno possui um ritmo próprio de aprendizagem, diferente dos outros. (FEREZ, 1997, p. 70).

O respeito às diferenças individuais é essencial para que todos usufruam o prazer de aprender, que é direito de todos.

A finalidade do ensino passa a ser a de promover a compreensão dos problemas que são investigados. Compreender é ser capaz de ir além da informação dada, é poder reconhecer as diferentes versões de um fato, buscar explicações e propor hipótese sobre as conseqüências dessa pluralidade de pontos de vista. (FERNANDÉZ, 1966, p. 63).

Partindo desse pensamento, percebe-se que ensinar é levar o educando a investigar uma informação para produzir, assim, o conhecimento. A finalidade do ensino, então, é desencadear nos educandos atitudes de pesquisa e, acima de tudo, valorizar a diversidade de opiniões que surgirão no decorrer do estudo e que servirão para a efetivação da aprendizagem.

O relacionamento entre duas ou mais pessoas é acompanhado de sentimento. Por isso, se pode dizer que o relacionamento esclarece o que motiva

a emoção, na medida em que acontecem os conflitos e tensões decorrentes das inter-relações.

A relação professor/aluno é o centro do processo de ensino e aprendizagem. Assim, na sala de aula, o relacionamento que se manifesta pode influenciar positiva ou negativamente a aprendizagem das crianças.

Na escola que conhecemos atualmente o professor chega à sala de aula, faz a chamada, vai ao quadro negro e começa a explicar. Os alunos escutam, fazem anotações, conversam, brincam, sonham ou dormem. Por quê? (FLEURI, 1997, p. 38).

A escola está estruturada para que a relação professor/ aluno aconteça de modo bem determinado. O horário, o programa, o material didático predeterminado para que o professor explique e os alunos memorizem conceitos que são, pressupostamente, necessárias à vida futura do “bom cidadão profissional competente”.

Da mesma forma que o aluno busca a sua motivação na nota, o professor pode ser levado a desempenhar seu papel pela necessidade, o seu salário, fazendo com que o estudo e a aprendizagem deixem de ser um meio de conhecer e transformar o mundo para se tornar um meio para se obter nota, que diga se de passagem, é um instrumento de exclusão e não de transformação. (FLEURI, 1991, p. 24).

Esse fato citado pelo autor é um ponto de reflexão muito sério já que o professor, além de trabalhar para obter o salário, tem que conviver com a desvalorização profissional. A má remuneração contribui em grande parte com a insatisfação dos professores da rede pública, favorecendo a falta de estímulo em buscar novas formas de convivência com os alunos.

[...] processo educativo como um processo de conhecimento, possuindo, como este, uma base sócio-histórico-cultural. Na sua constituição estão presentes não só a bagagem cognitiva de professores e alunos, mas também as características da interação desenvolvida entre eles, assim como o contexto social e cultural que compartilham. (PENIN, 1994, p. 125).

Por meio da fala da autora é possível perceber que as relações que se desenvolvem na sala de aula são permeadas não apenas de conhecimentos cognitivos, mas influenciadas pela cultura de cada um.

Percebe-se claramente que ser professor é ir além do que pede o currículo formal. Fazem-se necessário considerar a realidade e a convivência com os alunos para que o relacionamento entre ambos contribua para a formação humana.

No processo ensino-aprendizagem, o professor influencia decisivamente no desenvolvimento da criança. A relação que se estabelece no meio escolar deve estar fundamentada em princípios e valores éticos que desenvolvam nas crianças atitudes e comportamentos conscientes, que possam torná-las pessoas responsáveis por seus atos.

Diz-se assim, pois o aluno pode, muitas vezes, se espelhar no professor. Portanto, este deve valorizar atitudes de respeito, de diálogo, de solidariedade, pois poderá estar influenciando o processo de escolarização das crianças.

As possibilidades de atuação do professor podem influenciar a sua relação com os alunos, sendo assim, ele não deve preocupar-se somente com aprendizagem do aluno, mas também conhecer, tornar como ser em formação, que possui manifestação afetiva – social e que é um sujeito ativo no processo pedagógico. (FRANÇA, 1952, p. 31).

A relação entre professor e aluno é vista como um aspecto específico das práticas escolares que podem influenciar o processo de ensino/ aprendizagem, favorecendo ou não, por meio de atitudes dos professores e dos alunos. Tais atitudes, se negativas, podem gerar conflitos, afetando emocionalmente tanto o professor como o aluno, dificultando a relação pedagógica.

A relação professor aluno será mais eficiente quando for permeado pela compreensão e confiança, o professor deve perceber o aluno em sua individualidade, ajudando-o a adquirir autonomia e segurança. (FRANÇA, 1952, p. 31).

O professor deve oferecer essa ajuda pedagógica partindo do pensamento que o aluno é o personagem principal do processo de ensino e aprendizagem e, portanto, precisa ter acesso a todos os instrumentos disponíveis para a construção qualificada do conhecimento.

CAPÍTULO II

2. METODOLOGIA

A metodologia auxilia e orienta no processo de investigação para tomar decisões oportunas na busca do saber e na formação do estado de espírito crítico e hábitos correspondentes necessários ao processo de investigação científica.

Método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido. (MARCONI e LAKATOS, 2005, p. 83).

2.1 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa incluiu uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica foi realizada a luz de várias literaturas relacionadas ao tema da pesquisa.

Pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 1996, p. 48).

A pesquisa de campo foi realizada com os professores da Escola Municipal Gente Sabida situada do município de Sorriso – MT.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (MARCONI e LAKATOS, 2005, p. 188).

2.1.1 Universo e Amostra

O universo da amostra da pesquisa contou com quinze (15) pessoas, das quais todas responderam os questionamentos prontamente.

Os professores, que fizeram parte da pesquisa, trabalham na Escola Municipal Gente Sabida situada no município de Sorriso – MT.

2.1.2 Coleta dos Dados

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários não identificados destinados aos professores do Ensino Fundamental da rede pública municipal da zona urbana de Sorriso – MT.

Para BARROS e LEHFELD (2000, p. 89), a coleta de dados significa a fase da pesquisa em que se indaga e se obtêm dados da realidade pela aplicação de técnicas.

A partir dos questionários respondidos pelos professores foi possível cumprir com o fim deste trabalho.

2.1.3 Tratamento dos Dados

O tratamento de dados se deu por meio de gráficos, pois é um instrumento que possibilita melhor visualização dos resultados com as planilhas, de forma simples, prática e eficiente.

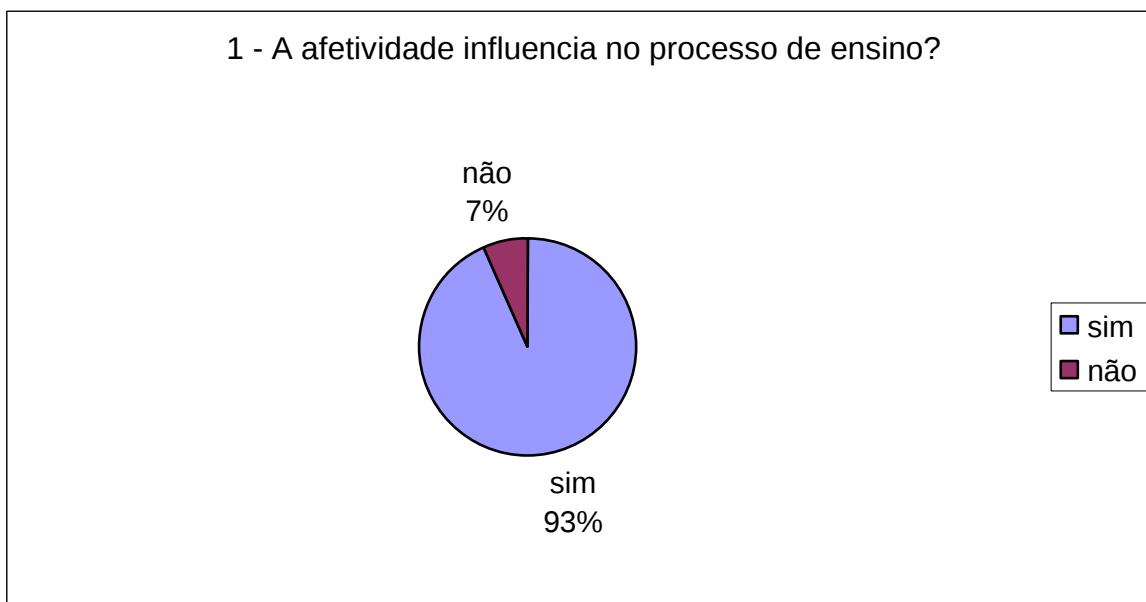
Os gráficos [...] podem evidenciar aspectos visuais dos dados, de forma clara e de fácil compreensão. [...] A representação dos resultados estatísticos com elementos geométricos permite uma descrição imediata do fenômeno. (MARCONI e LAKATOS, 2005, p. 172).

Cada questão respondida pelas pessoas possui um gráfico, que contém os dados obtidos com a pesquisa.

CAPÍTULO III

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fim de organizar a apresentação dos dados coletados, discorrer-se-á sobre os gráficos e os respectivos comentários referentes a cada um dos itens pesquisados.

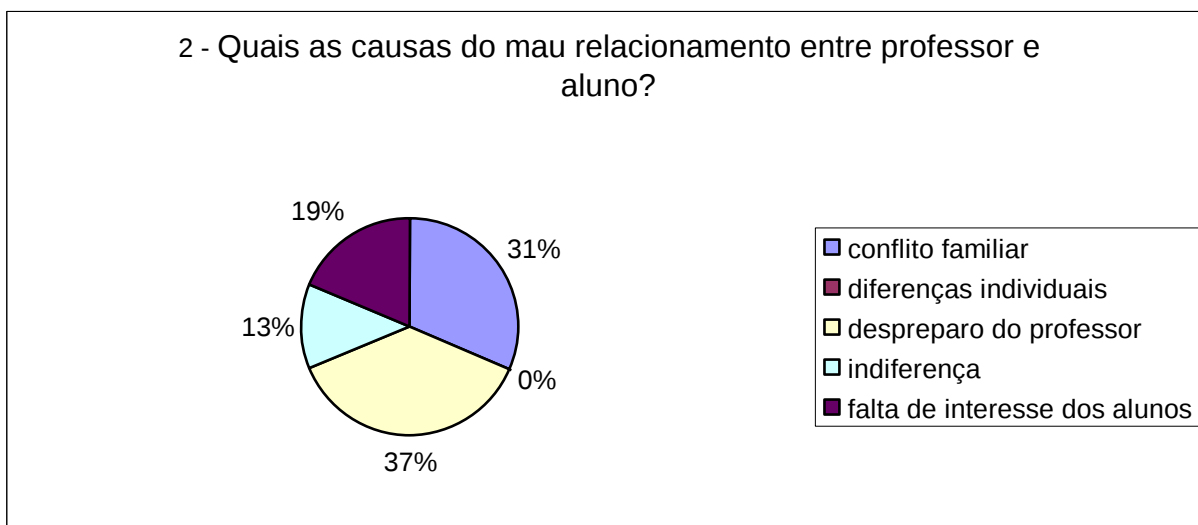


Fonte: Dados da Pesquisa

Por meio do resultado se verificou a influência da afetividade no processo ensino aprendizagem, pois a maioria dos professores entrevistados afirma que essa influencia é positiva.

A relação afetiva interfere na aquisição de conhecimentos, pois pode acelerar ou retardar o desenvolvimento cognitivo de uma criança, um fato que pode ser percebido quando se observa a importância e a diferença que faz a criança, quando a professora a espera na porta da sala de aula e diz bom-dia,

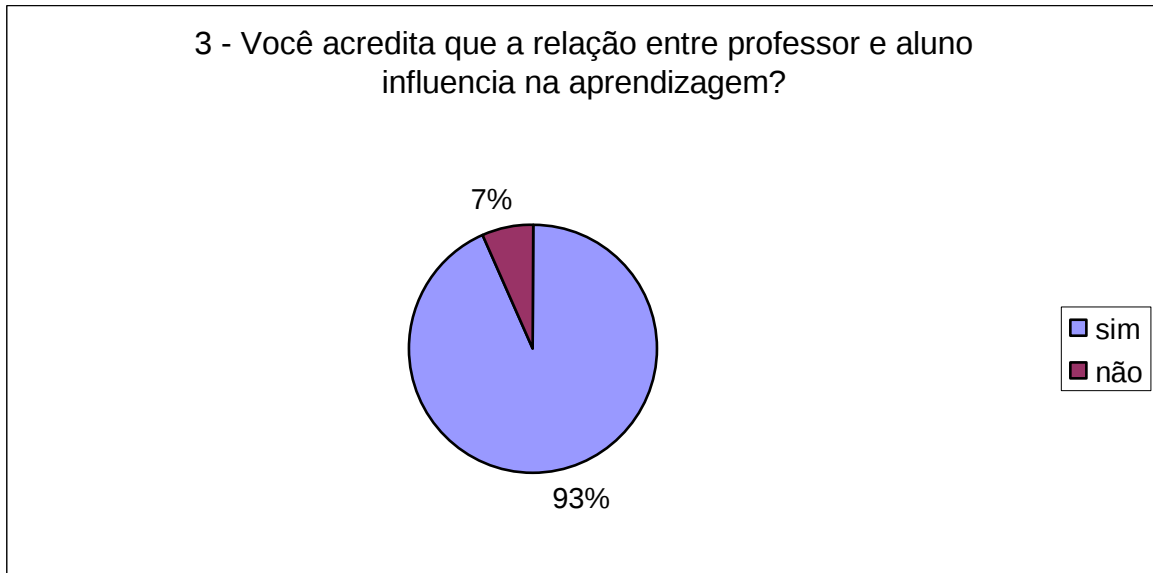
dando-lhe um abraço, um beijo, antes do início das atividades diárias de sala de aula.



Fonte: Dados da Pesquisa

Constatou-se que a maioria aponta o despreparo do professor como uma das causas principais, seguida dos conflitos familiares, da falta de interesse dos alunos e da indiferença.

Assim, fica evidente a importância de um bom relacionamento em sala de aula. Um ambiente agradável propicia uma melhor aprendizagem aos alunos, pelo fato destes se sentirem mais motivados ao perceber que o professor demonstra interesse pelo seu desenvolvimento.



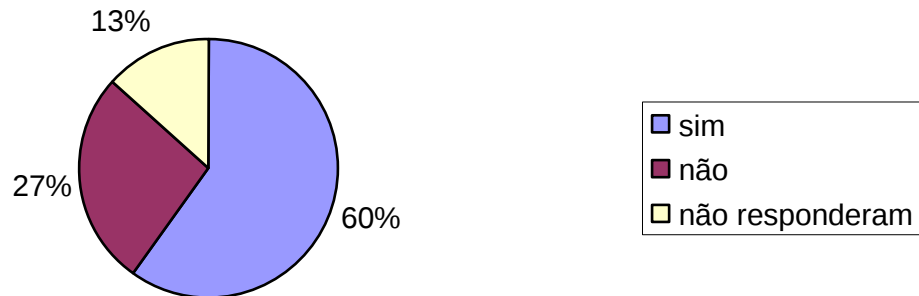
Fonte: Dados da Pesquisa

Pode-se perceber que os professores, em sua maioria, acreditam que a relação professor/aluno é de suma importância para a aprendizagem.

É na sala de aula que ocorre o momento crucial da educação escolar, o encontro de duas vidas, ambas buscando crescer e alcançar a plenitude da relação aluno-professor.

O relacionamento entre estes dois indivíduos constitui a chave do processo de ensino e de aprendizagem. Pois, a relação entre ambos depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles.

4 - Um clima harmônico na relação professor/aluno influencia na autoridade do professor?



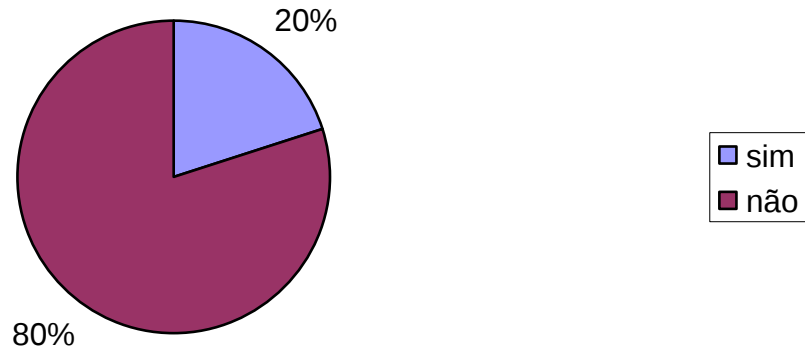
Fonte: Dados da Pesquisa

A maioria dos professores acredita que o clima harmônico possibilita ao aluno ser motivado para aprender e interessar-se pelo que faz, confiando na sua própria capacidade, trabalhando com mais dedicação, produzindo mais e alcançando seus objetivos.

O trabalho em harmonia gera alegria e satisfação para quem o faz e resulta em realização pessoal e atitudes positivas em relação aos outros, conquistando sua autenticidade, apreço, aceitação, confiança e compreensão.

Tudo isso leva a refletir sobre os juízos formados a respeito dos educandos, da escola e sobre os próprios educadores.

5 - Lidar com a diversidade interfere na relação professor e aluno?



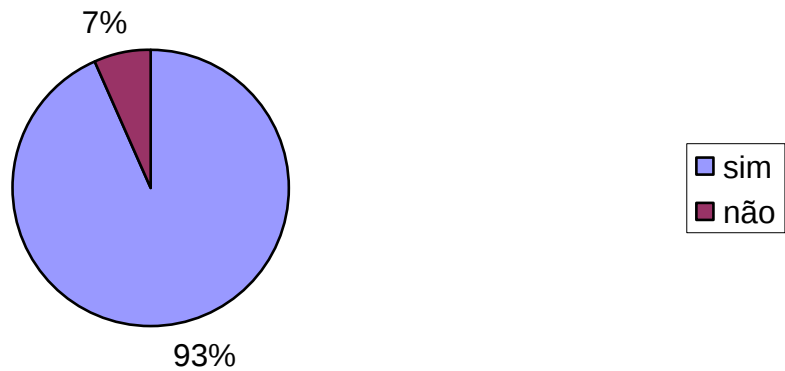
Fonte: Dados da Pesquisa

A maioria dos professores entrevistados afirmou que lidar com as diversidades não influencia na relação professor/aluno, pois ensinar independe das diferenças de cada um.

Para tanto, deve-se buscar atividades abertas e diversificadas, que possam ser abordadas por diferentes níveis de compreensão e de desempenho dos alunos, com a finalidade de valorizar a diversidade de opinião que surgir no decorrer dos estudos, que servirá para efetivação da aprendizagem.

O educador deve ter consciência e ser alertado da importância de um preparo emocional, além de sempre buscar o aprimoramento e atualização na sua área, tendo a visão de que em sua sala de aula sempre haverá um aluno que necessitará mais de sua atenção.

6 - Você acredita que o professor deve ser amigo do seu aluno para a melhoria do processo aprendizagem?

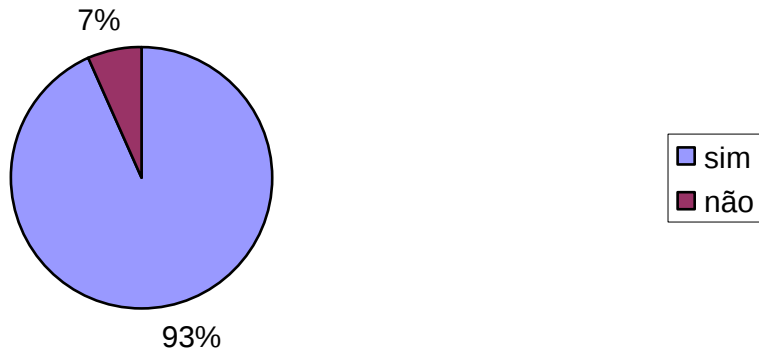


Fonte: Dados da Pesquisa

Os resultados obtidos apontam que grande parte dos professores acredita que deve haver um laço de amizade e afetividade, que influenciará diretamente na aquisição do conhecimento.

É necessário que o professor invista na formação de vínculos afetivos, acreditando na pessoa e compreendendo seus limites individuais. O educador precisa recuperar a afetividade na escola, não somente o afeto que consola, mas também o afeto que impulsiona, para apontar caminhos e reconstruir a esperança de um mundo melhor por meio da educação que considera as relações afetivas.

7 - O uso de apelidos ou rótulos entre alunos é uma realidade.
Você vivencia isso na sala de aula?



Fonte: Dados da Pesquisa

O alto índice alcançado na pesquisa releva que é importante fazer os alunos acreditarem que, independente de sua cor, crença, situação sócio-econômica ele é capaz de aprender e interferir na realidade que vivem, transformando-a por meio de reflexões acerca da mesma e do mundo que o rodeia.

É preciso, por mais difícil que pareça, persistir na “luta” contra qualquer tipo de exclusão para que a sala de aula seja um espaço utilizado como ferramenta para a valorização e para estímulos do bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho foi possível perceber que a relação professor e aluno é muito importante para a formação humana, tanto no aspecto cognitivo como no aspecto afetivo.

Nesse sentido, dependendo do relacionamento que se desenvolve na sala de aula o aluno pode se tornar um sucesso ou um fracasso. Foi possível notar que vários fatores influenciam na relação professor e aluno, tais como: culturas arraigadas de exclusão, diversidade cultural, os valores de crenças de cada um, desestruturação familiar, entre outros.

Frente a este contexto, é importante que o professor estimule e valorize seus alunos com afeto, carinho e respeito, pois assim, estes serão capazes de construir sua história com responsabilidade. Diz-se isso, pois estarão habilitados a lutar por um mundo melhor, pois tiveram a presença marcante de uma pessoa que soube interferir qualitativamente no processo ensino.

Entretanto, da mesma forma que o professor pode construir uma história de sucesso, pode provocar efeitos negativos na trajetória das crianças podendo, muitas vezes, mesmo que inconsciente, ser responsável por marcas de tristezas e fracassos.

O uso de apelidos ou rótulos é um problema sério que deve ser substituído por elogios, que podem estimular a aprendizagem e formar pessoas conscientes que, apesar dos erros, são seres humanos capazes de interferir positivamente no meio social.

Considerando o estudo desenvolvido, vê-se que as relações vividas na sala de aula são decisivas para a formação humana e para o processo do ensino e da aprendizagem.

De acordo com os objetivos inicialmente propostos, concluiu-se que a interação professor e aluno é essencial para que a educação cumpra seu papel social, pois é na escola que acontece a construção de conhecimentos, de laços

afetivos, que se entrelaçam e são indispensáveis para o processo de aprendizagem.

Frente aos resultados encontrados, recomenda-se para as escolas que reconheçam a importância do relacionamento do professor e aluno, para a prática pedagógica bem sucedida.

Já para os professores, propõe-se que busquem aperfeiçoamento constante, valorizando a profissão que “abraçou” e saibam utilizar sua autoridade com moderação e imparcialidade, respeitando o aluno nas suas individualidades, educando-os por meio de uma relação construtiva.

E, para os alunos, segerem-se compartilhar seus conhecimentos, apoiar e respeitar uns aos outros e que sejam sujeitos participantes e atuantes do processo ensino-aprendizagem.

Neste contexto, espera-se que esse estudo seja ampliado por outros pesquisadores para que, cada vez mais, a educação possa ser usada para a formação de seres humanos responsáveis, solidários, críticos e capazes de construir sua própria história e interferir, positivamente, na construção da história da humanidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional**. São Paulo: Terra, 1996.

BARROS, Aidil J. S., LEHFELD, Neide A. S. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e sua Prática**. São Paulo: Papirus, 1989.

CURY, A. de. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FERNANDÉZ, Florestan. **Educação e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus, 1966.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educar pra quê?** São Paulo: Cortez, 1991.

FRANÇA, Leonel. **O Método Pedagógico dos Jesuítas: o ratio studiorum**. Rio de Janeiro: Agir 1952.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GADOTTI, M. **Convite à Leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

PENIN, Sônia Terezinha de Sousa. **A Aula**: espaço de conhecimento, lugar de cultura. Campinas: Papirus, 1994.

PERES, Daniel Omar. Escola: inclusão e integração. In: **Direitos da Criança**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Epistemologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

PIAGET, Jean. **Psicologia da Inteligência**. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____, Jean. **A Epistemologia Genética**: problemas de psicologia genética. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LOPES, Josiane. REVISTA NOVA ESCOLA, ano XI, nº 95 de agosto de 1996.

APÊNDICE

Questionário Aplicado aos Professores

1. A afetividade influencia no processo de ensino?

() Sim () Não

2. Quais as causas do mau relacionamento entre o professor e o aluno?

() Conflito familiar () Diferenças individuais () Despreparo do professor

() Indiferença () Falta de interesse dos alunos

Outros () _____

3. Você acredita que a relação entre professor e aluno influencia na aprendizagem?

() Sim () Não

4. Um clima harmônico na relação professor/aluno influencia na autoridade do professor?

() Sim () Não

5. Lidar com a diversidade interfere na relação professor e aluno?

() Sim () Não

6. Você acredita que o professor deve ser amigo do seu aluno para a melhoria do processo de aprendizagem?

() Sim () Não

7. O uso de apelidos ou rótulos entre alunos é uma realidade. Você vivencia isso na sala de aula?

() Sim () Não

Caso sua resposta seja sim. Como você faz para lidar com isso?

8. Você acredita que o mau relacionamento entre professor e aluno influencia no ensino e na aprendizagem?

() Sim () Não